

International Affairs Network

Spotlight

Dezembro, 2023



O Mundo em 2024

Conteúdos

Antevisão geral.....	2
2024, o instante decisivo desta década	2
Luís Tavares Bravo	2
Democracia	5
Tempos de instabilidade na Europa	5
João Caetano	5
Economia	9
Desafios económicos da Europa em 2024.....	9
Filipe Grilo.....	9
Geopolítica	12
A ONU e o regresso da guerra às portas da Europa	12
Ângela Montalvão Machado	12
Sociedade.....	15
Desigualdades sociais - uma inquietação global	15
Sónia Leal Martins.....	15
Tecnologia.....	18
Regulação da Inteligência Artificial na UE - friend or foe?.....	18
Catarina Saramago	18

A ONU e o regresso da guerra às portas da Europa



Ângela Montalvão Machado

Profª Ciência Política na Universidade Aberta

A Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada em 1945, mais precisamente no dia 24 de outubro, como um pacto de não agressão entre 50 países, que assinaram a Carta das Nações Unidas. Redigida em junho do mesmo ano, a Carta foi alicerçada em propostas elaboradas por representantes da China, União Soviética, Reino Unido e Estados Unidos da América.

A Europa (e o Mundo) acabava de sair da Segunda Guerra Mundial e a criação da ONU pretendia implementar uma diplomacia preventiva e de mediação. Tinha como objetivo a manutenção da paz e da segurança internacionais, para que um conflito à escala mundial nunca mais ocorresse.

Como sabemos, nada foi pacífico logo desde o início. Entre 1947 e 1991, o mundo polarizou-se num conflito político-ideológico, designado por Guerra Fria, tendo como protagonistas, de um lado os Estados Unidos da América e do outro, a União Soviética. O marco do início do conflito, em 1947, parece ter tido origem num célebre discurso do Presidente dos EUA, Harry Truman, no Congresso americano, que apelava à necessidade de canalizar verbas para combater e travar o avanço do comunismo na Europa.

A ameaça da União Soviética, como potência expansionista, cumprindo a doutrina e profecia

marxista-leninista, encontraria, segundo os EUA, um terreno fértil para que a doutrina comunista se difundisse rapidamente em solo europeu, num quadro de graves carências económicas.

Os EUA lideravam, assim, a luta contra o comunismo em solo europeu, sendo o Plano Marshall a primeira ação, como plano de recuperação económica, para uma Europa devastada pela Guerra e que precisava de se reerguer rapidamente.

A Guerra Fria polarizou o mundo, dividido entre os apoiantes e seguidores do EUA e os da URSS, afetando globalmente as relações internacionais. A corrida ao armamento, por parte de cada uma das grandes potências, fez disparar a produção de armas nucleares. Da mesma forma, a corrida espacial, pela conquista do Espaço também se tornou fundamental na luta entre as duas grandes potências. Explorar o Espaço seria militarmente muito útil, pois permitiria monitorizar os movimentos do inimigo, criando estratégias de ataque em caso de guerra.

Neste pano de fundo, a ONU teve sempre a tarefa ingrata de mediar, sem conseguir prevenir e evitar os vários conflitos armados que foram surgindo. Temos como exemplos a Guerra do Vietname, a Crise dos mísseis de Cuba, a construção do Muro de Berlim, as guerras pela independência nos países africanos, como aconteceu com os

movimentos de libertação na África portuguesa, a Guerra do Afeganistão (1979-1989). Em cada um dos lados, os EUA e a URSS, como líderes bélicos mundiais.

Em 1991, com o fim da União Soviética, pensava-se ter chegado ao '[fim da História](#)', como defendia Fukuyama. A democracia liberal e o capitalismo tinham, aparentemente, triunfado e inaugurava-se uma era hegemónica, centrada no bem-estar social, económico e político. Mais uma vez, não foi assim. O fim da URSS deu lugar a 15 novos países e a crises económicas, sociais e políticas, que provocaram o crescimento de movimentos nacionalistas.

Desde 1999, Vladimir Putin governa a Rússia, ocupando alternadamente os cargos de Primeiro-Ministro e de Presidente da Rússia. Antigo agente do KGB e chefe dos serviços secretos, tomou várias medidas, centralizando cada vez mais o poder político. Resgatou o nacionalismo e combateu os seus inimigos, que confunde com inimigos da Rússia, numa estratégia política, que lembra uma miscelânea entre a antiga União Soviética e o czarismo russo.

Foi também o apoio russo aos separatistas na Ucrânia, que fez acordar a Europa e o mundo, no dia 24 de fevereiro de 2022, para a decisão de Putin de invadir a Ucrânia. Sob o pretexto de “desnazificar” o país, iniciou uma guerra às portas da Europa, que decorre até hoje e sem fim à vista. Desde 1945, ano do fim da Segunda Guerra Mundial e da criação da ONU, nunca a Europa esteve tão em risco. Mais uma vez, a ONU foi chamada a mediar, a defender os Direitos Humanos, com o objetivo de proteger os civis, mas sendo impotente contra o autoritarismo do Estado russo.

Depois do 11 de Setembro de 2001, os Estados-membros da ONU adotaram, em 2006, a [Estratégia Global das Nações Unidas contra o Terrorismo](#). Foi a primeira vez que todos os membros concordaram com um quadro estratégico e operacional comum contra o terrorismo. Alvo de revisão a cada dois anos, a última revisão ocorreu a 23 de junho de 2023.

A 7 de outubro último, o HAMAS infligiu o mais duro ataque na história do Estado de Israel, mostrando, uma vez mais, a fragilidade da segurança dos Estados perante o terrorismo. O ataque a Israel teve e terá repercussões que ainda não conseguimos avaliar. A barbárie, o rasto de destruição a que o Mundo assistiu por parte do HAMAS, originou uma resposta bélica de Israel na invasão da Faixa de Gaza. Pela voz do Secretário-Geral da ONU, a controvérsia instalou-se, relativamente à natureza do HAMAS e à justeza da resposta israelita. E ao perigo de a resposta israelita reforçar um ciclo de violência na região, com consequências imprevisíveis.

A ONU tem tentado minimizar os danos perante civis, quer tentando mediar o resgate dos reféns israelitas, quer na defesa dos direitos humanos dos civis palestinianos, que não podem ser confundidos com o HAMAS. É uma tarefa extremamente difícil.

A invasão da Ucrânia, por um lado, e o conflito instalado pela resposta de Israel ao ataque do HAMAS, por outro, alteraram definitivamente a Ordem Mundial.

Ironicamente, ou talvez não, os países que em junho de 1945 elaboraram as propostas para a Carta das Nações Unidas e se tinham unido para acabar com a Segunda Guerra Mundial, continuam a ser protagonistas na situação internacional atual. No

presente quadro das relações internacionais e dos conflitos em curso, constituem um problema agudo no Conselho de Segurança da ONU.

A China é uma superpotência, econômica, política e, não esquecer, militar, sendo um aliado da Rússia.

A Rússia, um dos países mais militarizados do mundo, sonha com a megalomania do regresso à União Soviética, tendo de vencer a Ucrânia para tal feito.

O Reino Unido, o Brexit, enfraqueceu a União Europeia, no Conselho de Segurança da ONU, agravando o desinvestimento na defesa. Continua a ter um papel de grande relevância nas relações internacionais, como potência econômica e como 'berço europeu' da democracia.

Os EUA lideram os países que integram as democracias liberais ocidentais, mas nesta nova ordem

internacional com contornos ainda indefinidos, será que continuam e, mais importante, continuarão a ser a superpotência que lidera o mundo?

Nos anos 90 falava-se de [novos poderes](#), que já não eram o poder da força física ou do dinheiro, mas o poder do conhecimento. O atropelo aos direitos humanos a que temos assistido nos últimos 2 anos contradiz esta teoria.

A humanidade aprendeu pouco ou nada com os erros, ao ponto de, no esgrimir de forças, pôr em causa a sua própria sobrevivência. Em pleno século XXI, a guerra regressou às portas da Europa e ameaça o mundo.

Mas e se não existisse a ONU? As Nações Unidas têm tido um papel único, fundamental, indispensável e decisivo na proteção, desenvolvimento e bem-estar mundial, através das suas várias agências, programas e fundos. Como disse Kofi Annan: *Se a ONU não existisse, teria de ser inventada.*